

Construção da autonomia e fluidez de categorias: sexualidade e gênero entre jovens egressas do ensino médio¹

Autor: Sasha Cruz Alves Pereira (PPGAS-USP)

Palavras-chave: Sexualidade, juventude, gênero.

Este texto apresenta uma reflexão em caráter inicial, de uma pesquisa de doutorado em andamento², sobre as diferentes estratégias mobilizadas por três jovens, recém-egressas do ensino médio, em relação ao modo como elas vivem sua sexualidade, marcada pela diversidade sexual e de gênero. A partir de situações corriqueiras do cotidiano escolar e familiar, busco nas narrativas tecidas por Rita³, jovem branca que se entende como bissexual (ou pansexual) namorada de um menino trans, Glória, menina negra que tem as primeiras experiências homossexuais ao mudar de Estado e ficar longe da família, e Tarsila, menina branca cujo único interesse afetivo é uma jovem com quem mantém amizade, os modos pelos quais elas se veem em situações de risco e perigo, de invisibilidade e atravessadas pelo ônus de querer viver sua sexualidade.

Seguindo Heilborn et al (2006), entendo sexualidade como um marcador que se refere não somente ao desejo e à prática sexual, como também a aspectos mais amplos da vida social, constituindo-se elemento fundamental na subjetividade, na disputa por direitos civis e na autonomia para a transição à vida adulta. Sigo com a ideia de sexualidade como vetor de autonomia das e dos jovens: ela informa escolhas, arranjos e, sobretudo, estratégias que orientam a ação das e dos jovens em diferentes contextos. Pensar em sexualidade também requer pensar seus limites, seja em termos de prazer ou de perigo (GREGORI, 2008, 576) e, sobretudo, ampliação ou restrição do que é considerado norma no campo sexual..

Neste trabalho, os contextos apresentados são de três jovens entre 17 e 18 anos para as quais o cotidiano familiar e escolar é atravessado por questões de sexualidade e início da vida adulta, na qual a dimensão do prazer flerta fortemente com a do perigo, na medida em que os contrastes com as expectativas familiares (e sociais, de modo geral) vão

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

² A pesquisa é financiada pela FAPESP (Nº Processo 2025/02690-1), intitulada "Subjetivação e disputas morais em torno de sexualidade e gênero entre jovens estudantes e egressos/as do ensino médio".

³ Utilizo nomes falsos para preservar a identidade das jovens descritas neste texto, bem como nomes de familiares, namorados e interesses afetivos. O nome da escola que frequentaram também está anonimizado.

se tornando evidentes. A instituição de ensino frequentada por elas é uma Etec (escola técnica vinculada ao Centro Paula Souza), localizada em área periférica, na zona sul da cidade de São Paulo. Ela é contornada por duas “comunidades”, como assim me descreveu a coordenadora pedagógica durante meu campo, e fica em frente a um prédio que já foi sede de uma Fundação Casa.

Por ser uma escola de referência em ensino na região, sendo o ensino técnico um chamariz para a entrada no mercado de trabalho, e ter um vestibular concorrido de ingresso, o corpo discente é marcado pela diversidade, tanto em termos raciais, de orientação sexual e gênero, assim como de classe e moradia. Via de regra, as e os estudantes não moram próximo à escola, e muitos dependem do transporte público para chegar nela, vindos de bairros mais distantes e de diferentes localidades, produzindo, desse modo, o que Profírio (2021) chama de “escola diversa” ou “inclusiva”, na qual assumir-se gay, lésbica, trans, bi (ou qualquer outra categoria de orientação sexual e identidade de gênero que não seja hétero e cis) é mais frequente do que em uma “escola de bairro”, que é caracterizada, por sua vez, pela proximidade residencial entre as e os estudantes.

Relevante acrescentar que a direção escolar, em consonância com um quadro de docentes majoritariamente abertos à diversidade sexual e de gênero, colabora igualmente para que estudantes lésbicas, gays, bissexuais e trans (e de outras orientações e identidades) tenham uma mínima aceitação, liberdade e segurança dentro da escola.

Utilizei até aqui “jovem” ou “juventude” como categorias relacionais e contextuais, seguindo a abordagem de Alexandre Barbosa Pereira (2016, p. 16), e enfatizo que não se trata de qualquer juventude ou jovem, mas de uma juventude de periferia. Assim, falo sobre e com jovens em vias de ascensão social, de acesso a capitais econômicos e culturais: há um investimento forte dos dirigentes escolares e também das famílias em enfatizar a entrada no mercado de trabalho, bem como o ingresso no ensino superior. Durante meu período de campo, acompanhei diversos estudantes entrando em universidades públicas e privadas, e iniciando em trabalhos e estágios – marcados evidentemente por variações de cargo e de prestígio.

É nesse contexto, marcado pelo foco nos estudos, expectativas em relação ao futuro e transição à vida adulta, bem como pela vivência da sexualidade em território escolar, que acompanhei, entrevistei e etnografei a trajetória de três jovens estudantes dessa escola: Glória, Tarsila e Rita. Nas seções seguintes, descrevo o contexto de realização da pesquisa e como conheci cada jovem. Em seguida, apresento as questões da jovens em relação à

fluidez sexual, a família como ponto de tensão para jovens de sexualidades dissidentes e, por fim, a sexualidade como fator de autonomia para elas.

Contexto de pesquisa

Faço trabalho de campo nessa Etec desde 2019, em pesquisa de Iniciação Científica. Dessa etapa até o mestrado, estive associado ao Projeto Temático FAPESP (Processo 2017/25950-2) “Vulnerabilidades de jovens às IST/HIV e à violência entre parceiros: avaliação de intervenções psicossociais baseadas nos Direitos Humanos” (doravante mencionado apenas como Temático), a partir do qual realizava encontros semanais na escola junto com uma equipe multidisciplinar de pesquisadores, de áreas como Psicologia, Saúde Coletiva e Epidemiologia. Tais encontros tinham como intuito formar estudantes em atividades de Iniciação Científica no Ensino Médio (IC-EM). Em linhas gerais, fazíamos discussões acerca do fazer científico, ética em pesquisa, elaborávamos projetos e realizávamos idas pontuais à USP. Conheci todas as jovens que aqui descrevo no âmbito desse projeto.

Em 2024, as atividades do Temático se encerram ao mesmo tempo que entro no doutorado com um projeto de pesquisa ainda voltado para compreender dinâmicas entre juventude e sexualidade tendo como base as experiências juvenis daquela Etec. Mas, durante um semestre, minha permanência como pesquisador na escola ficou suspensa: não havia mais o aval e as atividades do Temático para realizar e a coordenadora pedagógica, profissional responsável pela autorização e entrada na instituição, passava por um momento de muita demanda no trabalho e por isso, não conseguiu atender minhas solicitações de voltar a fazer campo na Etec.

Nesse curto período de impasses e contingências, um modo pelo qual continuei desenvolvendo a pesquisa foi retomar o contato com quem já tinha passado pelo IC-EM e realizar entrevistas em profundidade. Num intervalo de quase um ano, mantive conversas regulares com essas jovens e acompanhei a formação delas na Etec e seus primeiros passos na transição pra vida adulta, como a saída de casa, frustrações com o vestibular, relacionamentos amorosos, acesso ao ensino superior e necessidade de trabalhar.

Elas são Rita, Glória e Tarsila. Rita é uma garota branca bissexual (ou pansexual) que vive numa casa com a mãe, avó, irmã mais velha e irmão mais novo, num bairro do extremo sul da cidade de São Paulo. Durante o ano que realizei entrevistas com ela, sua família se mudou para uma cidade a noroeste da região metropolitana, por causa do

namorado da sua mãe, o que a deixou longe dos amigos e do namorado. Rita sonha em cursar medicina e se cobra bastante em relação ao vestibular. Ela passou praticamente o ensino médio todo namorando com Heitor, um menino trans cuja família, em especial, o padrasto, não reconhece sua identidade de gênero, o que acaba gerando tensões para o casal.

Glória é uma jovem negra que mora com a mãe e o irmão mais novo na casa da avó, que faleceu em 2023. No mesmo terreno, foi construída outra residência, onde mora a tia de Glória, junto com marido e o filho dela. Assim, como Rita, Glória não mora com o pai por ele ter tido muitos problemas com álcool. A jovem relata, inclusive, agressão física dele na mãe e no irmão mais novo. Desde quando conheci Glória, ela menciona o interesse em estudar jornalismo e da vontade de se mudar de São Paulo, o que ela consegue logo após finalizar o ensino médio, indo para o Rio de Janeiro cursar na UFRJ. Em termos de sexualidade, Glória relata que nunca se interessou por ninguém e nem se engajou em relacionamentos. Mas após mudar de cidade e passar a viver em república, relatou ter interesse sexual por mulheres, beijando uma pela primeira vez na vida.

Finalmente, Tarsila é uma menina branca que gosta de desenhar e criar histórias em quadrinhos. A jovem consegue passar no vestibular da FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado), via ENEM, como bolsista integral para cursar Animação. Ela mora com a mãe, o pai e o irmão mais novo. Tarsila diz gostar de homens de modo geral, mas uma única menina, Babi, que conhece há quase 10 de anos, ocupa suas expectativas e anseios no campo da afetividade. As duas mantêm uma amizade duradoura, mas que Tarsila receia perder caso revele seus sentimentos. Apesar de não se entender como lésbica ou bissexual, a sexualidade da jovem passa por muitos questionamentos dos colegas da Etec, inclusive por Glória, que dizem que ela “está se esforçando demais para gostar de homens”.

Glória e Tarsila faziam parte da mesma turma de Administração na Etec e são próximas até hoje, e Rita estudava Recursos Humanos, não mantendo contato frequente com as outras. Todas finalizaram o ensino médio no ano de 2024.

“Tá fazendo muito esforço pra gostar de homem, hein!”: a fluidez de categorias de orientação sexual

O processo de “se entender” para Rita não se deu de uma hora para outra. Desde o momento em que se interessa romanticamente por uma colega da antiga escola, reconhece que a categoria “hétero” não se encaixava muito bem na forma como ela se sentia. Ao

relembrar dessa época, Rita dizia a si mesma: “ela é muito legal... O garoto que namorar com ela vai ser muito sortudo... Caraca, eu queria ser o garoto que namora com ela”. Por ser muito jovem ainda – sexto ano escolar – Rita tinha poucas informações a respeito de outros relacionamentos que não fossem entre homens e mulheres, e por volta dessa época, ouviu falar sobre bissexualidade, o que pareceu melhor se adequar a ela: até então a jovem gostava de um menino, e agora sentia atração por uma menina. “Eu gosto dela, então deve ter alguma coisa aí”, disse a si mesma, “talvez eu seja bi”.

O momento de “aceitação”, como ela o descreve, veio rápido, mas imerso em diversos questionamentos. “Será que eu sou bi ou sou lésbica? Eu sabia que eu não era hétero – isso eu já tinha descartado”. A dúvida, por fim, serviu como um modo estratégico de se referir a si mesma dentro de casa. Ao reconhecer o sentimento que tinha por Fabrícia e achar que estava namorando com ela, a primeira decisão de Rita foi de contar à sua mãe – mas avaliando a melhor maneira de fazê-lo. A jovem contou à mãe que era bi, e não lésbica, apesar de não estar completamente certa. À época, Rita achava o termo “lésbica” muito “extremo” para Rita e preferiu se autorreferir como “bi” para a mãe, porque aí caso algum dia se entendesse como lésbica, ela já haveria se assumido “meio caminho”.

Rita descreve o entendimento sobre si e sobre sua sexualidade a partir de categorias, como “lésbica” e “bi”, que oferecem um horizonte de possibilidades e de inteligibilidade, mas chama atenção o fato de ela não se atrelar a apenas uma, o que indica já certo receio a filiações muito estáveis ou certezas inquestionáveis. Para Glória e Tarsila, esse processo se desenvolveu de outro modo. Tarsila fala da sua atração sexual por homens e que se entendia como “hétero” no começo da adolescência. Sua situação muda quando conhece Babi e se apaixona por ela, mantendo seu sentimento em segredo.

Ela é enfática em dizer pra mim que não sente atração sexual por mulheres, apenas por Babi, e descreve o interesse por “homens grandes e fortes”, em especial, um atleta jamaicano arremessador de peso de 2 metros de altura, chamado Rojé Stona. É relevante a atuação das amigas de escola de Tarsila, que vendo a situação dela apontam a contradição em gostar de um tipo ou de uma representação masculina muito específica, ao mesmo tempo que é apaixonada por uma mulher com quem conversa diariamente. A jovem diz: “Eu gosto de homem e ponto final. Falar que eu sou bi é muito”, ao que uma amiga responde: “Tá fazendo muito esforço pra gostar de homem, hein!”.

A experiência de Glória no ensino médio não foi marcada por relacionamentos ou interesses amorosos, portanto ela não se identificava com uma categoria específica de

orientação sexual. “Dentro da escola, todo mundo [era] muito criança, eu não gostava. Zero interesse em qualquer tipo de pessoa dentro da Etec”, ela diz. Chegou a conversar com alguns meninos por redes sociais, mas nunca foi adiante com nada. Mas assim que a jovem acessa o ensino superior, entrando na Universidade Federal do Rio de Janeiro e mudando-se obviamente da cidade de São Paulo, ela relata ter dado seu primeiro beijo em uma amiga. “Ela terminou numa quarta-feira um namoro de dois anos, e na sexta a gente ficou. Foi bem legal. Adorei, mas continuo achando homens atraentes. Então eu sou definitivamente bi”, contou.

De modos distintos, essas jovens apontam para uma experiência de fluidez sexual, evidenciando o caráter instável e processual da sexualidade. Diamond (2008) descreve esse conceito para se referir à mudança (ou grau de continuidade e estabilidade) da sexualidade a partir de uma pesquisa realizada com um grupo de mulheres. Acompanhando-as por mais de uma década, a autora analisou as alterações e diferentes experiências sexuais que as sujeitas da sua pesquisa tiveram, o que a levou a entender a sexualidade como volátil e variável ao longo do tempo. O que entendo da trajetória das três jovens é que a “heterossexualidade compulsória”, ainda que presente, vem sendo cada vez mais questionada e há uma ênfase em definir as práticas a partir das relações: Glória só se torna “bi” a partir da sua experiência no Rio de Janeiro; a “heterossexualidade” de Tarsila é questionada quando conhece Babi; Rita se define como “bi”, ao invés de “lésbica”, para sua mãe por medo de rejeição.

“A minha mãe não me conhece, não sabe quem eu sou, e eu sinto que fico presa”: família e sexualidade

A família é um ponto de tensão para uma juventude que não se conforma a normativas de sexualidade e gênero. De diferentes maneiras, as três garotas etnografadas trouxeram questões que envolviam suas famílias (nas figuras de mães, tias e, por extensão, a família de seus cônjuges), e evidenciam, a partir de suas trajetórias, como as sexualidades dissidentes⁴ convivem de modo muito conflituoso com configurações familiares heterossexuais.

⁴ Refiro-me aqui a quaisquer configurações de orientação sexual e identidade de gênero que não sejam cis-heterossexuais, mas outras práticas também podem levar esse nome. Ver RUBIN, 2017, p. 62.

Nas primeiras conversas que tive com Glória, o tema da sexualidade logo se redirecionava para tratar a relação com sua mãe e de como Glória se “sente presa” a tudo que é relacionado a ela. Glória conta que, apesar de conversar bastante com a mãe, elas brigam constantemente, e a jovem se sente coibida (para não usar o termo “castrada”), e “não consegue ser quem ela é”. Algumas atitudes maternas, como contar para a família inteira quando a garota passou a usar o primeiro sutiã, causaram traumas com os quais ela tenta lidar até hoje. “A minha mãe não me conhece, minha mãe não sabe quem eu sou, e eu sinto que fico presa, sabe? Eu sou uma pessoa que nunca beijei, eu nunca transei, eu nunca namorei. Nunca fui pruma festa, nunca bebi. Única vez que eu fumei foi aqui na caixa d’água [da escola]. Aí eu dei um trago mal feito num cigarro de maconha e foi a coisa mais radical que eu já fiz na minha vida. Minha mãe bebe todo final de semana. Ela bebe socialmente. Eu sinto que nunca vivi minha vida, sabe? Eu sinto que sempre tive que suprir as expectativas da minha mãe”, desabafou. Por isso, Glória evita mencionar ou dar entender qualquer indício sobre estar a fim ou não de um menino ou de qualquer pessoa. É relevante pontuar que, ao ser questionada se sua família seria homofóbica, ou ter falas preconceituosas, Glória afirma que não.

A jovem também reclama da falta de privacidade dentro de casa, sendo sua residência muito próxima a da sua tia e que “dá pra ouvir tudo o que estão falando”. Há também em Glória a expectativa, criada pela mãe e pela família e que a jovem também reproduz, de que ela seja uma boa aluna, sempre tirando notas altas e praticamente com um pé já no ensino superior. Para ela, em termos pessoais, é um ponto de investimento interessante, pois sair de casa representa para ela uma ampliação dos horizontes - que de fato aconteceu em alguma medida.

O que me chama atenção na narrativa de Rita é que ela descreve a relação com sua mãe e avó como muito “acolhedora e próxima”, e que sua casa “sempre foi um espaço muito aberto” e que “nunca teve opressão” relacionada a sexualidades não heterossexuais, mas mesmo assim, o perigo iminente de um rompimento ou a possibilidade de afastamento de familiares fez a jovem avaliar o melhor modo de contar sua sexualidade. Não tenho dúvidas de que, do modo como Rita me conta das relações entre sua mãe e sua avó, elas a aceitariam mesmo se a jovem tivesse se colocado como “lésbica” desde o início, mas a iminência da violência e da injúria se infiltram de modo muito potente na subjetividade de jovens gays, lésbicas, trans e bissexuais desde a infância.

Para a família mais ampla, que inclui tias e tios, no entanto, o que Rita faz é a completa ocultação da sua sexualidade, fazendo dela um elemento a ser não dito nessas

relações. Sua família tem origem no interior de Minas Gerais, onde, segundo a garota, os papéis de gênero são muito bem delimitados e os relacionamentos afetivo-sexuais se dão idealmente entre um homem e uma mulher. Pelo modo com esses parentes se referem a sexualidades não heterossexuais, ela julgou melhor não contar a eles sobre si e nem sobre seu namoro. “Eu não quero que ninguém saiba”, contou. Mais recentemente, Rita tem se colocado também como “pansexual” por achar a categoria muito parecida com “bissexual”. Segundo relata, ela não se importa com o gênero (homem trans ou cis, ou mulher cis ou trans), mas com a pessoa. Em termos de relacionamentos, a jovem namorou com Heitor, menino trans, durante praticamente todo o ensino médio.

Tarsila não contou para os pais sobre ser “bissexual” ou “lésbica” - até porque ela mesma não se identifica com essas categorias. A questão para ela é que Babi frequenta sua casa, conhece seus pais, e Tarsila acredita que a situação pode ficar ruim se a mãe achar que as duas estão namorando há muito tempo. A mãe é quem Tarsila receia mais a reação. Ela já se dirigiu à filha do seguinte modo: “Tarsila, fala a verdade! Você gosta de mulher, você é sapatona, né?”, ao que a jovem tenta negar. O pai é mais ambivalente: do mesmo modo que ele diz “minha filha vai pegar várias mulheres, igual ao pai”, ele faz os seguintes comentários, “Tarsila fica só desenhando esses viado. Agora até o patrão dela é viado. Só tem amigo viado”. De modo geral, eles desconfiam da sexualidade da jovem, mas ela não busca visibilizar essa questão dentro de casa.

“O padrasto sabe que ele é bi, que namora, mas não sabe que é trans”: sexualidade como autonomia para jovens

Nesta seção, tento mapear momentos, estratégias e elaborações desenvolvidas pelas jovens que tem como ponto central certa percepção ou aquisição de autonomia a partir da suas experiências no campo da sexualidade. Foco nas trajetórias de Rita e de Tarsila.

A primeira interação de Rita com Heitor foi breve. O menino disse um simples “oi” durante uma apresentação no auditório da escola e saiu, mas foi o suficiente para a jovem ficar interessada. Pensando em como se aproximar dele, ela recorreu à professora Isabel, que dava aulas na turma dele. “Você quer falar com ele? Então aparece lá na minha aula”, disse a docente. Foi o que Rita fez, e a partir de uma interação “ensaiada”, contando à professora algo que já tinha dito antes, conseguiu chamar a atenção de Heitor e ambos passaram a conversar desde então. Desde que entrou no ensino médio, Heitor se identifica

como uma pessoa trans. Rita recorda que no primeiro ano do ensino médio, ele ainda tinha cabelos compridos, mas que logo os cortou. Nos meses que antecederam o namoro, a jovem teve dúvidas sobre quais pronomes utilizar com ele, mas desde que se apresentou como “o Heitor”, e os amigos dele também confirmaram isso, ela entendeu que deveria tratá-lo no masculino. Neste início, também era comum que os professores chamassem-no pelo nome de registro do nascimento – até porque, sua transgeneridade era desconhecida da família.

Na verdade, para Heitor, houve diversas “saídas do armário”. Primeiro foi a questão da sexualidade, exposta pela irmã mais velho, que contou para a mãe que ele era “bi” e como resposta, ela disse “só não deixa o seu padrasto saber”. O padrasto aparece como uma figura de interdição da sexualidade e da identidade de gênero de Heitor, segundo Rita. Apesar de o padrasto ser uma figura autoritária, me parece que há também espaços para pequenas mudanças. Rita foi na casa de Heitor somente dois anos depois de começarem a namorar, e a mãe a apresentou ao padrasto como “a namorada dela”, ou seja, “namorada de Heitor”. Para sua surpresa, o padrasto não fez nenhum comentário maldoso ou surtou, mas também não demonstrou muito interesse ou acolhimento. Inclusive, tempos depois, permitiu que Rita dormisse lá uma noite.

A questão da transgeneridade irrompeu também por conta das fofocas da irmã de Heitor. Rita publicou um romance (fruto de suas escritas literárias na internet), dedicou o livro nomeadamente para Heitor e deu uma cópia para ele. A irmã, que já sabia um pouco do contexto do irmão, pegou o material e mostrou para a mãe: “Olha aqui o que a namorada da Amanda, que é o nome morto, dedicou pra ela...”. Naquele momento, Heitor se trancou no quarto e não saiu mais. Com o passar do tempo, aparentemente, sua mãe tem se mostrado mais acolhedora com a questão trans, tendo-o chamado inclusive de “machinho da mamãe”.

Mas o outro problema permanece. “O padrasto sabe que ele é bi, que ele namora, mas não sabe que ele é trans”, disse Rita. A mãe do menino tem dependência financeira nele e não tem condições de viver se houver qualquer rompimento conjugal. A família mora na casa do padrasto e seguem suas “regras”. Portanto, da parte da mãe, há uma preocupação em ocultar a transgeneridade de Heitor, como forma tanto de manter a família unida, como de manter seu relacionamento, reconhecendo as interdições explícitas e implícitas de se morar ali. “Quando você sair daqui, você vai poder ser quem você é. Eu quero muito que você saia daqui e possa ser quem é”, teria dito a mãe de Heitor ao garoto. O que ela parece propor é uma invisibilidade estratégica: em nenhum momento, a mãe

pede para Heitor “voltar a ser garota”, subentendendo que este seria o seu verdadeiro eu; na verdade, ela está atada ao seu relacionamento com o padrasto e para manter as relações do jeito que estão, Heitor precisa viver como Amanda, como uma máscara.

Tarsila relatou que ela e Babi têm se encontrado com certa frequência. Normalmente, Tarsila a convida para ir dormir na casa dela. A situação se configura da seguinte maneira: a avó de Tarsila mora “na casa de baixo” e Tarsila, seus pais e irmão moram “na casa de cima”. Tarsila divide o quarto com o irmão, Bruno, mas quando Babi vai dormir lá, ela pega um colchão de casal na casa da avó e dorme por lá com a garota. Tarsila descreve as idas de Babi à sua casa no contexto de finais de semana, quando tem alguma festividade, churrasco etc. Ela conta que isso já aconteceu de 4 a 5 vezes, pelo menos.

A “coreografia” costuma ser a seguinte: as duas ficam sozinhas no quarto, botam algum filme ou série para assistir, dormem próximas uma da outra, chegando a se abraçar. Na primeira vez que Tarsila abraçou a jovem para dormir, ela relata que Babi chegou a estranhar, se desvencilhando delicadamente em seguida. Mas nas outras vezes que isso aconteceu, permaneceu por mais tempo nos braços de Tarsila. As duas, inclusive, chegam a adormecer agarradas. Esses momentos de dormir juntas, Tarsila chegou a descrever como “sisteragem”, em paralelo ao termo “broderagem”. “Sisteragem” pode ser entendido, então, como a prática afetiva e/ou sexual entre duas mulheres que não necessariamente se identificam como homossexuais. Achei o termo engraçado e perguntei de onde veio, pois eu nunca tinha escutado. Tarsila disse ter criado o termo certa vez quando conversava com suas amigas da Etec, e Glória estava entre elas.

Numa dessas vezes, a mãe de Tarsila entrou no quarto enquanto a jovem estava dormindo, segundo ela, “com a cara no peito da Babi”, e estranhou bastante a situação. Babi estava acordada assistindo TV naquele momento. Quando a menina foi embora, a mãe de Tarsila questionou a filha: “vocês são lésbicas, né? Tavam batendo siririca uma pra outra.” Tarsila ficou encabulada, desmentindo a mãe, dizendo que não era nada disso. Ela ainda não se abriu para a mãe por receio de represálias: a jovem acredita que se contar sua situação com Babi, sua mãe pode acabar ficando contra a garota por estar fazendo a filha de idiota.

Babi não dá indícios explícitos de que não quer nada romântico com Tarsila, e a jovem tem atuado de modo bastante firme nos seus interesses pela amada. Tarsila relata que Babi tem o costume de usar suas roupas e acessórios, e até de pegar seus livros e mangás. Tarsila ia sair do quarto, deixando-o lá se arrumando e disse: “Vê se não rouba

nada meu, viu?”, ao que ela respondeu: “não vou pegar nada”. Tarsila emenda: “roubar o meu coração você não quer”. Babi ficou surpresa, e Tarsila, que tinha dito isso de modo tão enfático, logo recobra sua timidez e sai de cena. Outro indício do interesse de Babi em Tarsila é o fato de elas dormirem muitas vezes abraçadas uma com a outra. Tarsila, inclusive, relatou que uma vez chegou a botar a mão por dentro da camisa de Babi, tocando suas costas – gesto que Babi não achou ruim. Contudo, Babi nunca pergunta diretamente se Tarsila tem interesse nela (até porque me parece bem óbvia a situação) e não parece se preocupar em endereçar propriamente a relação. A mim, parece que ela está deixando pra ver até onde vai – o que ruim é pra Tarsila que fica repassando cada mini gesto ou palavra sua, de Babi, da família, com receio de que algo possa acabar com sua relação.

Conclusões preliminares

A partir da descrição de situações cotidianas, refleti sobre como o trabalho de manter e cultivar as relações se dá a partir da perspectiva de Rita, uma jovem de 17 anos, bissexual (ou pansexual) que terminou recentemente o ensino médio, e que namora um menino trans. Para uma jovem que não se encaixa no modelo de heterossexualidade, o mundo social é marcado por perigos e violências. Desde a ansiedade em saber como a família vai reagir a sua sexualidade à expectativa quanto aos interesses afetivos-sexuais e primeiras experiências no campo da sexualidade.

Em cada situação, há estratégias, tanto de sobrevivência, de integridade corporal, contra constrangimentos e injúrias, quanto de saber quais alianças podem ou não ser feitas. Há um trabalho com a linguagem que não é exatamente o de “contar uma mentira”, mas o de “preparar o terreno”, de conduzir o interlocutor a uma sequência de enquadramentos que permita tornar a sexualidade mais “aceitável” e mais cotidiana. Há um investimento forte na fluidez sexual, não como uma dúvida ou ignorância em relação à própria sexualidade, mas ao modo como as relações são construídas e agenciadas.

Em relação à sexualidade como autonomia, vimos como as jovens buscam outros referencias relacionais e de mundo a partir do entendimento de uma sexualidade dissidente. Para Glória, isso resultou mudar de casa, estudar longe, para poder ressignificar sua vida e ter outras experiências. Para Tarsila, significa manejar as expectativas familiares com a relação (imprevisível) com Babi, e para Rita, é um modo de preservar seu relacionamento.

Referências bibliográficas

Das, V. Vidas e Palavras. A violência e sua descida ao ordinário. Editora Unifesp, 2020.

Das, Veena. Texturas do ordinário. Fazendo antropologia à luz de Wittgenstein. Editora Unifesp, 2023.

ERIBON, Didier. Reflexões sobre a questão gay. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

GREGORI, Maria Filomena. Limites da sexualidade. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2008, V. 51 Nº 2.

PEREIRA, Sasha C. A. “Você entra na Etec e vira gay, drogado ou rebelde”: território, gênero e sexualidade na experiência de estudantes de ensino médio. *Cadernos De Campo*, 33(2), e227228, 2024c. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v33i2pe227228>

PROFÍRIO, Ana. É inclusão com exclusão? Sobre os entrecruzamentos de gênero, raça e sexualidade no espaço escolar. *CAMPOS*. V.22 N.1. 2021.